

# IDADE D'OURO



## DO BRAZIL.

Terça Feira 6 de Dezembro de 1814.

Fallai em tudo verdades  
A quem em tudo as deveis.

de e Mirandesi

**H** Uma Gazeta de Lisboa em 11 de Outubro transcreve as noticias seguintes =

### A U S T R I A.

*Vienna 9 de Setembro.*

A Corte, tudo quanto pertence á Casa Imperial, e o Povo, invariavel em sua adhesão a seus Soberanos, todos ficarão submergidos em tristeza, assim que de repente se divulgou a noticia de que a Rainha *Carolina de Sicilia* fallecera, de apoplexia, na noite de 7 para 8, no palacio de *Hezendorf*.

Esta Rainha era a ultima das filhas da *Augusta Maria Thereza*, e havia herdado parte das grandes qualidades de sua gloriosa Mãe; porém o Ceo lhe não permittio, como áquella illustre Imperatriz, acabar pacifica, feliz, e brilhantemente a sua carreira. Lutando ha muito tempo com todo o genero de contrariedades, separada do Rei seu esposo, e de parte da sua cara familia, havia voltado aos lugares, testemunhas da sua infancia, e ao seio de sua familia materna, para socegar dos desgostos que tinha experimentado; ventura de que gozou apenas como de hum sonho. A Providencia a separou da terra para lhe dar melhor sorte, hum repouso eterno, e que jámais será perturbado. — Nasceo a 13 de Agosto de 1752, casou por procuração em *Vienna* a 7 d'Abril de 1768, e reuniu-se em *Cassia* ao Rei de *Napoles* a 12 de Maio do mesmo anno. — S. M. o Imperador e Rei ordenou se tomasse luto de 6 semanas pela *Augusta* defuncta, a contar do dia 10 deste mez.

### G R A - B R E T A N H A.

*Artigo do Courier de 15 de Setembro.*

O *Journal de Paris* contém a seguinte tentativa para defender o Commercio da Escravatura, debaixo da fórma de huma carta de huma Crioulo da *Guadalupe*.

Porque fatalidade tem os periodicos *Francezes*, e especialmente o *Monitor*, transcrito com huma especie de complacencia todos os artigos dos papeis *Inglezes* relativos á abolição do Commercio da Escravatura, sem lhes opporem a mais ligeira observação? Como podemos nós explicar este silencio, este esquecimento dos nossos interesses nacionaes? Ou como pôde ser, em summa, que não sintão a importancia deste assumpto, do qual depende a existencia das nossas colonias, e por consequencia da nossa marinha? Deixão-se acaso illudir desta pretendida filantropia ostentada com tanta pompa pelo Governo *Inglez*? Nada certamente he mais digno de riso do que esse montão de sentimentos delicados, expostos talvez com sobeja ostentação para serem sinceros. Nenhum homem, por pouco illustrado que seja, se poderá persuadir jámais de que o Governo Britanico tenha em vista só a causa da humanidade ao pronunciar com tanto calor contra hum commercio consagrado pelo costume, do qual os *Inglezes* se aproveitarão em quanto o julgarão conveniente, e que até ao dia de hoje tem muitas vezes sido hum beneficio para os Negros. Isto não he hum paradoxo; pois bem sabido he que os habitadores da *Africa* andão continuamente occupados em atrozes guerras huns com os outros, e que os prisioneiros de ambas as partes vem a ser absoluta propriedade dos que os aprisionão; os quaes os entregão ao castigo de morte, toda a vez que delles não podem dispôr com vantagem. Todos os Capitães de Navios da Escravatura vos dirão, que tem visto os desgraçados prisioneiros lançarem-se a seus pés, em ar de desesperação, e pedirem beijando a terra, que os comprem. Por tanto, em certos respeitoes, não he este commercio de modo algum tão deshumano como se persuadem algumas pessoas.

Não pôde ser demasiadamente repetido que, — se nós renunciarmos este commercio, ficão perdidas as nossas colonias irremissivelmente; e sem colonias acabão-se as viagens distantes, e acaba a força maritima. A *França* não podia prudentemente abolir tal commercio se não depois de ter enviado missionarios á *Africa*, e adquirido alli estabelecimentos proporcionados para a indemnisar da perda das suas colonias; além de que, estando esses estabelecimentos muito perto da mãe-patria, não se preencheria o objecto desejado.

He bem estranha cousa, que, debaixo da capa de filantropia, pretenda a *Inglaterra* sujeitar-nos a sacrificios, cujos resultados redundarião exclusivamente em lucro dos seus negociantes, e augmento de seu poder. Mas se o bem da humanidade he o unico farol da sua politica, porque razão não obriga ella o Imperador da *Russia* a emancipar os servos; e porque não pede ella que todas as nações fação causa commun sobre este ponto, como forceja por executar relativamente ao Commercio da Escravatura? Que teria dito a *Inglaterra*, se, ha vinte annos, durante o furor das nossas ideas liberaes, a *França* exigisse della a abolição deste commercio? Teria respondido, com muita razão, “ que era humilhação para qualquer nação ceder a influencia de qualquer Potencia estrangeira, que se arrogasse o direito de lhe prescrever os seus deveres; quando, de mais a mais, as suas colonias não tinhão chegado áquelle grão de prosperidade, que authorisasse a cessação deste commercio, e quando nestes termos tanto a gloria como o interesse nacional se oppunhão a que se submettesse a huma tão in-

sultante proposição. „ — A mesma resposta podemos nós e devemos dar pela nossa parte. A nossa honra nos pede não nos dobremos ao querer de estrangeiros. Hum Governo tão nobre, tão generoso como o nosso, conhece as sagradas leis da humanidade; saberá conciliá-las com o interesse nacional; deve porém á sua dignidade seguilas sómente de livre vontade: nenhuma Potencia tem jus a dictar-lhas.

“ Quaes são pois os motivos que movem o Gabinete de S. *Jayme*, e o induzem a proseguir com tanto ardor em hum projecto tão injusto para conosco? Não he porque está procurando civilisar a *Africa*, e formar alli huma especie de colonias dependentes da *Grã-Bretanha*? — Já se tem enviado Ministros *Inglezes* a diversas partes daquella Península, a fim de introduzirem a sua religião, a sua linguagem, os seus costumes, e dirigirem a industria dos naturaes a cultivarem terras capazes de lhes produzirem os mesmos artigos que dão as colonias da *America*. Deste modo a *Inglaterra*, com a mira de submeter ás suas leis a immensa população da *Africa*, que pelo decurso do tempo lhes ha de fornecer soldados, abrirá huma nova estrada ao seu commercio e á sua industria. A *Inglaterra*, nós o asseveramos, encobte debaixo de pomposos sentimentos de filantropia os seus vastos e profundos projectos: caminha com passo obliquo, mas firme e constantemente, para o fim a que se propõe chegar, e que ha de indubitavelmente conseguir, se não houver cuidado em nos resguardarmos. A *França*, neste caso, sendo ociosa espectadora dos seus vizinhos, terá contribuido pela perda total das suas colónias e da sua marinha, para a opulencia, para o assustador poder, e em summa para a absoluta superioridade da *Inglaterra*. Qual será o *Francez* a quem não assuste semelhante lembrança? „

( No ultimo Parlamento da *Inglaterra* foi mui vivamente ventilada esta questão; porém o Gabinete de S. *Jayme*, pintado com côres mui carregadas neste artigo, ( a que o *Courier* não responde, ) preza mui altamente a justiça para que persista em tal intento, e disto tem já dado provas tanto em não tocar o Principe Regente no seu discurso, antes de se fechar o Parlamento, em tal assumpto, como em não se tratar delle no ultimo Tratado com a *Hespanha*. )

## B A H I A.

S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, que em todos os dias da sua feliz Regencia tem mostrado o mais ardente desejo pela instrucção de seus Vassallos, foi servido conceder huma loteria á Biblioteca pública desta cidade, concorrendo por este modo para a conservação, e augmento de huma instituição, de que se pode tirar o maior proveito. A Nação mais instruida he sempre a Nação mais feliz, e opulenta; e desde, que se dá a huma Nação o meio de se instruir, tem-se-lhe apontado o caminho da sua prosperidade.

Em outro número exporemos o plano da loteria, que deve ser conhecido de todos antes de se pôr em pratica.

*Entrarão neste Porto as Embarcações seguintes.*

Em 19. Das *Alagôus*, a *Sumaca Bom fim*, Mestre *Vicente Nunes*, 5 dias de viagem, carga madeira, e algodão. Dono *Verissimo José da Silva*.

Em 20. Do Porto a Galera *Justo Despique*, Mestre *José Francisco Bellona*, 57 dias de viagem, carga vinho, panno de linho, ferragem, e azeite. Dono, e Caixa *Pedro Borboza de Madureira*.

Em dito, Do Porto Alegre o Bergantim *Allcluia*, Mestre *Luciano José de Oliveira*, 27 dias de viagem, carga carne, couros, e cêbo. Dono *Francisco Caetano de Souza Quadros*.

Em 21. De *Croripe*, a *Sumaca Bom-fim*, Mestre e Dono *Lourenço José da Cruz*, 4 dias de viagem, carga madeira.

Em dito. Do Rio Real a *Sumaca Rosarinha*, Mestre *Desiderio José Barreto*, 5 dias de viagem, carga farinha, milho, e feijão.

## A V I S O S.

Os generos que se vendem pertencentes ás Boticas annunciados na folha 90, que se disse ser na casa N.º 80 deve ser N. 30 ás grades de ferro: assim como em o N.º 96 onle diz que se arrenda huma roça acima da fonte dos Padres, deve ser acima da fonte das Pedras.

Na Loja de Livros d' *Angelo Manoel Pinto de Souza*, na rua direita da *Misericordia*, se vendem os seguintes Livros chegados agora de *Lisboa*; *Magnum Lexicon*, *Cornelio Latino*, *Novo Methodo*, *Eutropio*, *Phedro*, *Tito Livio*, *Orações de Cicero ad usum*, *Selecta primeira*, *Breviarios*, *Preparação para a Missa*, *Cathecismo de Montplier*, e o resumo, *Cuniliate*, *Baptisterio*, *Officium defuntorum*, *Sermões de Massilon*, *Vanseler*, *Trindade*, *Travassos*, e outras muitas obras, assim de instrucção, como deleitosos, por preços commodos.

O Bergantim *Esperança da Fortuna*, de que he Capitão *Manoel Correia Garcia*, que segue viagem para o *Rio da Prata*, pertende sahir até 20 do corrente; quem quizer carregar, falle com o dito Capitão *Garcia*.

Quem quizer carregar para *Angola*, no Bergantim *Fragatinha* que pertende sahir até o fim do corrente mez, procure a *Manoel José de Magalhães*, ao *Caes Novo*, para tratar do frete.

---

Com Permissam do Governo.

BAHIA: NA TYPOG. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA